

Sonho cheio de estrêlas

Nair Lacerda

Colaboradora

Um dos primeiros encantamentos da minha vida, em matéria de leitura, foi Flammarion, aquele Camille Flammarion de luxuriantes barbas grisalhas, que era astrônomo, mas escrevia coisas tão líricas sobre a sua ciência que até mesmo a criança que eu era sentia a poesia daquele espírito voltado para as estrelas.

Nunca cheguei a estudar astronomia, embora meu pai tivesse em grande apreço a ciência e a ela se dedicasse nos muito parcos lazeres que a vida lhe deu. Apon-tava-nos as estrelas, as constelações, os planetas, as nebulosas, chamando-os a todos pelos nomes, uns nomes que eu achava lindos, mas que até hoje andam misturados na minha lembrança, como pedras de xadrez fora de seus lugares no tabuleiro. Ainda assim, o fascínio do espaço e das coisas do espaço ficou em mim.

Não, evidentemente, sob o aspecto espacial de hoje, com foguetes e contagens regressivas, módulos e astronautas, toda essa coisa de que a gente fala com respeito infinito porque dela nada entende. O que me ficou foi, mesmo, Flammarion e seus habitantes dos outros mundos, daqueles mundos que ficavam a girar, como o nosso, em bilhões e bilhões de galáxias, numa gloriosa manifestação da grandiosidade da Na-

tureza Universal, nascida de um gesto do Criador.

E recordo uma série de pequenos livros — deve haver quem os tenha ainda por aí — editados em Portugal sob o título geral da Biblioteca d'Educação Nacional e na qual apareceram vários livros do meu astrônomo predileto. Um deles, exatamente o que tem por título *Os Habitantes dos Outros Mundos*, ainda o tenho em mãos. E diverti-me, um destes dias, re-ler trechos dele, e compará-lo com o que estamos vendo e sabendo no assunto, em nossos dias.

Diz Flammarion: “Em tudo quanto se tem escrito sobre os meios possíveis de comunicar fisicamente com os outros mundos, em tudo quanto se tem imaginado, em astronomia especulativa, sobre a natureza dos habitantes do espaço, em tudo quanto se tem imaginado relativamente às raças planetárias, não há uma só palavra séria ou científica”.

E passa a relatar as teorias surgidas. Fala em Arago, morto em 1856, que já dissera, em seu tempo, que um geômetra alemão levara ao seu observatório um curioso plano para comunicação com a Lua. Consistia em enviar às imensas planícies da Sibéria uma comissão científica, encarregada de dispor sobre o terreno, formando determinadas figuras geométricas, um certo número e espelhos metálicos, refletores, que, recebendo a luz do Sol, pro-

jetassem a imagem do astro luminoso sobre o disco lunar. Por pouco inteligente que os selenitas sejam, dizia o geômetra, compreenderão sem dificuldade que essas figuras geométricas regulares não podem ser efeito do acaso, mas que devem ser produzidas pelos habitantes da Terra. Dado este primeiro passo, muito provavelmente procuraria meios de se vencerem da nossa experiência, respondendo a essas figuras que se variariam, podendo servir como linguagem metafórica e ideográfica. Desta forma se estabeleceria entre os dois astros uma comunicação, por meio da qual conversaríamos sobre todas as coisas!

Essa foi a mais mirabolante idéia surgida até o presente, em matéria de comunicação intermundos. E a convicção do homem de que havia selenitas capazes de captar sinais da Terra e responder a esses sinais é que me encanta. Porque muitos outros expuseram teorias e preconizaram meios e modos de romper o silêncio do espaço, o mistério dos astros. E o que todos tinham em comum era a estupenda capacidade de sonhar, sonhos cheios de estrelas.

Estarão, esses sonhos, em vésperas de alcançar realização? Ou teremos um doloroso acordar, a varrer com a mão pesada da realidade toda essa poeira de estrelas que os séculos acumularam no mundo encantado dos sonhos dos homens?